

Sarney afirma que povo resgata a sua cidadania

discurso

22 ABR 1986

JORNAL DE BRASÍLIA

Da enviada especial

O pacote social do Governo, que deve ser lançado até junho, convocando o empresariado a participar da consolidação do pacote econômico, já começou a ser anunciado, ontem, pelo próprio presidente Sarney, nos seus discursos em São João Del Rey e Barbacena. Ele já começa a falar menos do pacote econômico, pois o considera em processo de estabilização, e mais nos próximos planos.

Em São João Del Rey, depois de nomear Aécio Neves o herdeiro político de seu avô, Tancredo Neves, Sarney disse: «O corpo repartido de Tiradentes arde até hoje, exposto nas estradas do tempo, sangrando para que a liberdade seja lembrada todos os dias, todas as horas, todos os instantes, convidando à vigilância e ao testemunho. Liberdade que não se esgota nos direitos subjetivos do homem, mas na liberdade que assegure a cada brasileiro comer, educar-se, vestir-se, desfrutar dos saberes, ter direito à felicidade, ao trabalho, a viver com dignidade, a não ter medo, a questionar, a invocar Deus, não ser discriminado pela cor, pela condição social, pela idade, pelas convicções».

E, no improviso feito na Câmara Municipal de Barbacena, prometeu: «Essa manifestação, sem dúvida, ficará indelével no coração do Presidente. Coração simples e cheio de esperança. E eu asseguro que o povo está no Governo e o Governo está no povo. Eu asseguro que não vacilarei, não tergiversarei para tomar qualquer medida para não permitir que nosso povo seja oprimido».

E, já no final do discurso escrito, o presidente da República voltou a falar na condição social do povo, afirmando que a cidadania «não se esgota apenas na participação da vida política e institucional do País. Ela só se torna realidade na medida em que a todos os brasileiros é concedida participação na riqueza e no progresso material e cultural do País. A cidadania não é mero instituto jurídico, destituído de uma dimensão social e econômica, dimensão humana».

Juros poderão chegar logo ao congelamento

São João Del Rey — O presidente José Sarney admitiu ontem nesta cidade, que se for necessário avançar no plano de estabilização econômica, no setor financeiro, o congelamento de juros será estudado. Ressaltou que no momento a preocupação do governo ainda é a da consolidar as medidas iniciais de estabilização.

Sobre a Aliança Democrática, o presidente José Sarney disse que ela já prestou grande serviço ao Brasil "na eleição de Tancredo Neves e tem prestado na consolidação da Nova República, apoiando a consolidação do poder civil, das instituições e se estamos respirando o clima que o País respira, é que o Presidente da República tem o respaldo da Aliança Democrática e, portanto, ele luta para que ela, seja mantida.

O presidente José Sarney disse que está disposto a contribuir para a manutenção da Aliança Democrática, nos Estados, desde que solicitado. Acentuou que gostaria de ver a Aliança Democrática consolidada em Minas Gerais. Mas, ponderou que "as coisas de Minas se resolvem em Minas".

— Eu não vou interferir — afirmou.

Na entrevista que concedeu ao deixar o Solar dos Neves, onde foi homenageado com um almoço por Dona Risoleta Neves, o presidente Sarney disse ainda que está lutando para transformar os sonhos dos brasileiros em realidade. "Temos avançado bastante", avaliou.

Segundo o Presidente da República, o projeto político "foi quase que na sua totalidade realizado", as eleições diretas restauradas, e a Constituinte foi convocada. "O País respira liberdade em todos os campos, na área econômica e social, nós temos avançado". Disse acreditar que os compromissos da Aliança Democrática feitos durante a campanha estão sendo cumpridos.

Sarney afirmou ter sido tomado de "uma emoção extraordinária, quase uma comoção", durante as quase seis horas em que esteve em São João Del Rey, no dia de ontem.

— Voltar a esta cidade depois daquela noite fria de 24 de abril do ano passado e depois de viver um ano da morte de Tancredo Neves, nós devemos fazer uma reflexão sobre a capacidade do povo brasileiro.

Exercício e dieta para manter a forma

Com pouco mais de um ano de governo, o presidente José Sarney já começa a chamar a atenção dos médicos que o assistem diariamente, não por debilidade, mas para mantê-lo em forma diante de um ritmo de trabalho que o obriga muitas vezes a um regime de mais de oito horas diárias e refeições ligeiras interrompidas por telefonemas de políticos e ministros.

O Presidente, agora, está fazendo exercícios físicos num amplo salão do Palácio da Alvorada, e no seu sítio de São José do Pericumã, nos arredores de Brasília, faz longas caminhadas e aproveita um banho de bica de água mineral. Em todos os "checkup" a que se submeteu Sarney apresentou uma excelente forma, confirma o médico oficial da Presidência da República, Messias Araújo.

Mesmo com viagens realizadas ao exterior e mais de 50 internamente, pelo Brasil, o presidente José Sarney tem computadas — até o último dia útil da semana, sexta-feira, 19 — 2.006 horas e 30 minutos de trabalho no Palácio do Planalto, o que dá uma média de oito horas/dia.

Durante esse tempo, ele concedeu 3.076 audiências, de acordo com informações de sua assessoria particular, e despachou 1.939 vezes, muitas das quais marcadas de suspense e que alteraram radicalmente a rotina da República, como as que antecederam, com os seus ministros da área econômica, a reforma monetária. Para sair do clima, de incerteza e tornar-se conhecido da nação, o presidente da República já fez 208 pronunciamentos e visitou 60 municípios brasileiros.

Finalmente, se deixasse hoje o governo, Sarney teria aproximadamente muito tempo pela frente se fosse ler e responder as 550 mil cartas enviadas por admiradores elogiando a forma como vem se conduzindo à frente da Presidência. Segundo seus assessores, em junho este número deverá chegar a um milhão, um recorde de cartas recebidas por um só presidente na história do País.

Compromisso renovado

São João Del Rey — Íntegra do discurso pronunciado ontem pelo Chefe do Governo ao presidir as solenidades pelo transcurso do primeiro aniversário da morte do ex-presidente Tancredo Neves.

Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Dr. Hélio Garcia, Sra. Risoleta Neves, Sr. Presidente do Senado Federal, senador José Fragelli, Sr. Presidente em exercício da Câmara dos Deputados, deputado Humberto Souto, srs. ministros de Estado, sr. presidente da Assembleia Legislativa, srs. governadores, srs. senadores e deputados federais e estaduais, sr. prefeito de São João Del Rey, Cid Valério, srs. comandantes militares área, sr. bispo diocesano, D. Antônio Mesquita, srs. vereadores, meus senhores e minhas senhoras e demais autoridades.

Brasileiros de Minas Gerais, brasileiros de São João Del Rey. Antes de começar o meu discurso, duas palavras de agradecimento ao povo de São João Del Rey pela carinhosa e afetuosa acolhida com que me recebeu nesta ensolarada manhã das Minas Gerais. Agradecimento ao governador Hélio Garcia pela gentileza de convidar-me para presidir este ato. Ao sr. prefeito Cid Valério pela palavras aqui proferidas. E um agradecimento muito especial à família Neves na pessoa de Aécio Neves que aqui foi seu intérprete. Aécio Neves que acompanhou com tanta ternura, com tanta amizade, com tanto carinho Tancredo Neves nos últimos anos de sua vida, assistindo nas alegrias, dando-lhe alegria e assistência. Aécio Neves que continua no seu talento de jovem a vocação política do seu avô e que tem prestado excelente colaboração à Nova República.

Meus compatriotas, há dias fortes da história.

Dias que flutuam na eternidade como marcas indelévels no destino dos povos. Esta data, 21 de abril, é um instante de glória na permanência da nacionalidade.

Ele se renova no tempo, a iluminar os mesmos valores que são os valores transcendentais do homem: a liberdade e a busca pelo bem comum.

A morte de Tancredo Neves, quase duzentos anos depois, nesta mesma data, o seu corpo repousando no mesmo chão onde Tiradentes abriu os olhos para a vida, junta os dois tempos num só tempo. Estuário onde os brasileiros recorrem à invocação dos exemplos, para guia e farol das gerações presentes e gerações futuras.

Lembro a fria noite em que os sinos das catedrais de Minas guardavam o silêncio das horas amargas, para que Tancredo Neves repousasse para sempre no solo sagrado de São João Del Rey.

O corpo repartido de Tiradentes arde até hoje, exposto nas estradas do tempo, sangrando para que a liberdade seja lembrada todos os dias, todas as horas, todos os instantes; convidando à vigilância e ao testemunho. Liberdade que assegure a cada brasileiro comer, educar-se, habitar, vestir-se, desfrutar dos sabores, ter direito à felicidade, ao trabalho, a viver com dignidade, a não ter medo, a questionar, a invocar a Deus, não ser discriminado pela cor, pela condição social, pela idade e pelas convicções.

A liberdade dos Inconfidentes foi a primeira vela. O seu clamor de justiça é o nosso clamor, a sua luta pela igualdade é a luta de todos nós, porque é um legado destrutível da Nação.

O nosso compromisso com os ideais permanentes do País se renova a cada dia. E este é o sentido da Inconfidência, que revive nas gerações que se sucedem e se sucede na luta das gerações. As nossas conquistas são os sonhos materializados dos nossos mártires.

O réu declarado infame é o patrono da Nação. As suas práticas, as práticas da liberdade, o seu exemplo a aspiração que nos anima. Aqui por onde pregou, no seu "sonho enlouquecido de herói", como lembrou o impercível Tancredo Neves, como ele combatente da liberdade, ecoou a voz que se expandiu e conquistou.

Tiradentes sonhou e quis a liberdade da Nação; Tancredo fez a liberdade do povo; Tiradentes, a futura independência. Tancredo, os momentos de um novo tempo da República. Liberdade do País e liberdade do povo se completam e se nutrem mutuamente.

Ouçõ o tempo no lugar em que estou e penso. Os séculos se juntam nos destinos de uma Nação que se guia à sombra, vida e morte de dois homens que percorreram caminhos semelhantes,

sinais traçados com os mistérios da mão de Deus.

Tiradentes não desembocou no êxito e na vitória. Alferes, homem do povo, resumia seu destino da gloriosa despedida "Adeus, que trabalhar vou para todos". Outra coisa não foi a sua trajetória e não é a trajetória da vida pública, trabalhar para todos.

A Inconfidência de 1789 foi sendo feita realidade em 1822 apenas porque alguns ousaram sonhar. Homens e mulheres generosos destas Minas Gerais, cujas riquezas iam mover o carro de outra história.

Homens e mulheres que vivem hoje no coração de cada um de nós, brasileiros, com os olhos de interrogação a ver o cadafalso como recompensa, pela ousadia de poder sonhar.

Homens como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga, inconfidentes inspirados e secundados por mulheres, as mulheres da independência, quase esquecidas, hoje vivas na poesia atrás de nomes delicados de pastorais: Nise, Marília, Ifigênia, Anarda, Isabel, Juliana, Barbara Heliodora e nas mulheres da Nova República, em dona Risoleta Neves.

Aquele tempo é o início da nossa história independente nestas serras cheias de recordação, nestas cidades de muros venerandos e em todo o Brasil. É o primeiro lampejo de consciência da condição colonial do Brasil, da necessidade da mudança, da possibilidade de passar de uma etapa para outra etapa. É a primeira grande abertura de inteligência brasileira às ideias do mundo, a primeira abertura ao saber universal. É a primeira grande rebeldia contra a tutela imposta, contra o despotismo irredutível. A primeira grande lição da nossa história, que o povo brasileiro aprendeu para sempre.

Minas Gerais tem passado. Esta porção da Pátria, berço do Brasil, nascedouro da liberdade, jamais se curvou. E foi na luta contra a tirania que aprendeu que a liberdade não é uma dívida, mas uma conquista diária, uma luta que custa um grande sofrimento. O valor da liberdade é o preço que se pagou para obtê-la, é o uso que dela se faz.

Terra de inconfidentes, Minas não parou sua tradição de oferecer ao País outros homens que conduzissem sua história, armados das virtudes mais caras a esta gente: o espírito empreendedor, a retidão, a conciliação e a prudência, que transformam esforço e coragem e o destemor em sabedoria. E o dever da intransigente rebeldia nas horas necessárias numa grande paz.

Síntese geográfica do Brasil, com suas serras e campos aguados pelos vales férteis por onde correu o povoamento, com seu cerrado e seu sertão, Minas é uma imagem forte do Brasil, transposta com gênio à literatura, dos acardes e Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos, o moço e tantos outros.

E a esta terra grandiosa, que traz orgulho a todos os brasileiros, e ao seu povo valoroso que rendo minha homenagem, nesta data maior da nacionalidade.

Povo de São João Del Rey. O vento soprou as flores que há um ano colocamos sobre o mármore que veio cobrir o sono terno de Tancredo Neves. O tempo secou as nossas lágrimas, que foram saudades e inspiração para os dias difíceis que se seguiram ao seu desaparecimento.

Essa saudade e essa inspiração trouxeram-me ao lado do túmulo do fundador da esperança e do pai da conciliação do Brasil moderno.

Sei que Tancredo levou, para a sua vida pública, os exemplos bebidos na crônica de coragem e honradez que o povo são-joanense vem construindo há três séculos.

Nenhum homem nasce grande num povo que seja pequeno, ninguém se eleva aos patamares mais altos da nacionalidade senão com o impulso tomado em seu próprio torrão natal, com a tempera forjada ao murmúrio dos pátrios rios, e aqui nas águas do Rio das Mortes.

Meus compatriotas Disse Tancredo Neves: "Não nos dispersemos".

E nós não nos dispersamos. Estamos todos aqui: unidos ao povo brasileiro no sonho, na coragem, na identidade de propósito no bom combate.

Na evocação da liberdade, e na louvação de Minas.

Honra a Tiradentes, glória a Tancredo. Muito obrigado.